

QUANDO TRADUZIR É NÃO INTERPRETAR

Pedro de Souza

UFSC

AO COMENTAR O SEU PROJETO DE TRADUÇÃO das *Obras Completas* de Freud, do alemão para o francês, cujo primeiro volume apareceu na França em 1988, Jean Laplanche explica, em uma entrevista concedida à *Folha de São Paulo*¹, respondendo às polêmicas suscitadas entre os psicanalistas franceses a propósito da heterodoxia de seu trabalho:

...nós tentamos fazer uma tradução de forma que, diante do texto francês, o leitor possa se situar da mesma maneira que o leitor do texto alemão se situa diante de Freud. Veja só nossa ambição: nós tentamos *não interpretar* (destaque meu).

A proposta de uma tradução que resulte de um ato de não interpretação é o que intriga nesta e em outras afirmações que tomo como objeto de reflexão no presente artigo. Arrojo (1992) chama atenção para a perspectiva logocêntrica que norteia o projeto de Laplanche e enfatiza, no projeto deste tradutor, a ressonância de uma crença cristalizada na fidelidade entre o original e a tradução.

Laplanche with traditional theories of translation the same logocentric conception of meaning as a stable, portable entity that could rest deposited and protected in a text as a consequence of its producer's (conscious) intentions. From such a perspective, translation is necessarily viewed as an instance of meaning transfer that should be accomplished without the interference of the translator's circumstances and desires. By presupposing the possibility of an objective, clear-cut opposition between subject and object (...), all language theories issuing from logocentrism necessarily believe in the possibility

of a non-interpretative, unbiased translation that could, as a result, separate what belongs to the author from what belongs to the translator (p.54).

Partilho da postura de Arrojo com respeito à relação sujeito/ linguagem no âmbito da qual a interpretação atua como causa, isto é, o vínculo intrínseco entre o sujeito e linguagem é já um fato interpretativo. Mas retornando, depois de oito anos, a essa mesma problemática provocada pelas justificativas de Laplanche frente ao seu projeto de traduzir Freud, ocupo aqui a posição de advogado do diabo em favor do tradutor. Colocado nesse lugar, a minha questão é saber como se pode sustentar teoricamente uma prática de tradução que nega a interpretação, já que esta tem sido colocada como injunção necessária à transposição de sentidos de uma língua para outra.

Laplanche, pelo menos na entrevista de onde retiro os extratos para análise, não diz com que conceito de interpretação trabalha. Mas é possível entrever, em seus comentários sobre o processo de tradução que aplica a Freud alguns elementos que, pelo viés da negação, apontam para sua conceituação do ato de interpretar. Diante das dificuldades de transposição de sentidos encontradas no texto freudiano em alemão, a decisão de Laplanche tradutor é não decidir. Diz ele:

...Nós deixamos ao leitor a decisão. Nós não fazemos uma terceira interpretação. Nós tentamos deixar todas as ambigüidades de Freud.

Deixo para mais adiante o exemplo do qual Laplanche parte para fazer essa afirmação. Neste ponto, é oportuno introduzir uma hipótese de trabalho, a saber, que o tradutor francês de Freud termina por apresentar uma certa noção de interpretação pelo seu avesso: deixar ambíguo e plurívoco o sentido de uma expressão lingüística.

Tenho aqui o gancho a partir do qual posso rastrear a prática de um tradutor no interior de uma grade teórica. Para tanto, recorro ao trabalho de Fuchs (1991), que propõe uma definição para interpretação pressupondo os fenômenos da ambigüidade e da plurivocidade como constitutivos do semantismo de uma expressão lingüística colocada em contexto.

A autora parte do ponto de vista segundo o qual a interpretação é uma atividade plural. Daí decorre a defesa do que ela chama heterogeneidade interpretativa. Essa expressão designa a propriedade inerente ao processo de construção de sentidos pelos sujeitos, que tem como ponto de ancoragem quaisquer expressões lingüísticas (de natureza lexical, sintática, etc.) e que se inscreve no próprio sistema da língua, dando conta da correspondência entre expressão e sentido. Em outros termos, Fuchs defende a idéia de que

il existe en langue des mécanismes d'assignation d'une pluralité de sens à partir d'une expression linguistique quelconque mise en contexte, et que ces mécanismes sont assez réguliers pour être décrits et prédits par une analyse linguistique (Fuchs, op.cit.:107).

A partir desse postulado de base, Fuchs introduz uma discussão sobre o estatuto da plurivocidade em língua. A autora rejeita o princípio clássico que reduz o fenômeno da pluralidade de interpretação a um problema de ambigüidade, obrigando o sujeito a escolher uma alternativa entre muitas significações mutuamente excludentes.

Tais significações, segundo a visão tradicional, seriam constitutivas da expressão lingüística em foco, o que acarretaria uma remissão ao contexto de ocorrência para se decidir por um ou outro sentido, ou seja, para desambigüizar. Nessa perspectiva, fica evidente uma noção de interpretação que implica atribuir, dentro de um campo semântico previamente estabelecido, um certo significado a uma expressão aprioristicamente ambígua.

Fuchs propõe aqui três deslocamentos, modificando a ótica definidora da interpretação como atividade heterogênea de construção de sentido. O primeiro é formulado nos seguintes termos:

...à l'image d'une univocité comme toile de fond sur laquelle se détacherait une zone limitée d'éclatement, il paraît préférable de substituer celle d'une univocité comme résultat d'une construction signifiante à l'intérieur d'un champ constitutivement plurivoque; du même coup, l'ambigüité (alternative entre plusieurs solutions exclusives) ne subsiste plus que comme cas particulier, celui où le sujet n'a pas réussi à parvenir à une univocité construite, c'est-à-dire à une stabilisation du

mouvement de l'interprétation en une zone unique du champ.

A segunda formulação correlativa ao deslocamento teórico proposto por Fuchs diz respeito ao funcionamento do contexto como fator de interpretação. Ela rejeita o recurso ao contexto lingüístico como um mecanismo de filtragem das múltiplas significações inerentes a uma unidade da língua. Pelo contrário: a autora aceita uma univocidade dada no interior mesmo do sistema lingüístico; já quanto à plurivocidade, esta advém do contexto em que dada expressão lingüística é posta a funcionar.

O que Fuchs propõe, em verdade, é que, apesar de o sistema lingüístico manter um regime semântico unívoco para as expressões que o compõem, esse mesmo sistema não pode fornecer elementos que permitam prever a multiplicidade de sentidos que uma unidade pode conter. Isso posto, pode-se, afirma a autora, atribuir ao contexto um funcionamento mais positivo e dinâmico.

Assentado em um semantismo de base unívoco e inerente à expressão lingüística, o contexto é o plano virtual em que se multiplicam significações, gerando diferentes atos interpretativos. Em síntese, o contexto funciona, no processo interpretativo, não subtraindo, mas fazendo proliferar sentidos.

De outra parte, o conjunto das significações possíveis para dadas expressões lingüísticas permanece irrepresentável. Não há, segundo Fuchs, metalinguagem que torne os sentidos fixáveis em língua natural. Isso porque, malgrado toda tentativa de representação ou de reformulação, o sentido é incapturável. Eis um fato, diz Fuchs: *la signification glisse, tant dans le mouvement de l'interprétation que dans celui de la (re-)formulation.*

Como sair dessa desconfortável indecidibilidade? Fuchs sugere tomar o viés da plurivocidade, produzindo sobre ela um discurso unívoco. Esse consiste em propor condições lingüísticas de interpretação enquanto processo de construção de sentidos unívocos no domínio da plurivocidade.

Fica estabelecido, na visão dessa autora, que não há uma interpretação como fato único e decisivo; existe sim é uma pluralidade de interpretações unívocas possíveis, localizadas em um plano além do que se concebe como alternativas interpretativas. De modo que decidir sobre uma ou outra interpretação é só um caso a mais do que Fuchs

categoriza como figura interpretativa.

Assim é que Fuchs elenca um quadro de quatro figuras interpretativas mediante as quais se podem descrever as condições lingüísticas de produção de sentido para dadas expressões. São elas a *alternativa*, a *neutralização*, a *sobredeterminação* e a *indeterminação*.

Ao apresentá-las aqui, quero, ao mesmo tempo, aplicá-las aos dilemas de tradução das obras de Freud, dilemas exemplificados nos comentários de Laplanche e manifestos nos recursos empregados para pontuação de impasses tirados do próprio produto de sua tradução no francês. Reitero que o problema, objeto deste artigo, é a negação da interpretação como elemento norteador do ato de traduzir. Em síntese, minha análise gira em torno do discurso de um tradutor sobre a sua própria tradução e sobre alguns exemplos do produto dessa mesma tradução.

Alternativa e Neutralização

A propósito da figura alternativa de interpretação, nos termos teóricos de Fuchs, pode-se defini-la tomando o dilema do tradutor de Freud que, a partir da expressão alemã *Zwangsneuros*, tem que decidir por traduzi-la segundo o modo clássico *neurose obsessiva* ou *neurose de compulsão*. Laplanche justifica assim sua decisão:

A noção de *Zwang* — que quer dizer *contrainte* (compulsão) — se encontra em *Zwangsneuros* que é classicamente traduzida por *neurose obsessionnelle* (neurose obsessiva). Nós traduzimos por *neurose de contrainte* (neurose de compulsão) para mostrar que *Zwang* estava presente em Freud em outras partes, além de na *neurose de contrainte*, e que, por outro lado, tal neurose não compreende necessariamente obsessões. A prova é que o próprio Freud emprega a expressão *neurose de compulsão com obsessões* (...) Mas é interessante que Freud mesmo não está de acordo com que eu digo. Ele dizia “traduzam isso por neurose obsessiva”.

Diante dessas formulações, sob o prisma de Fuchs, podem-se ler as ponderações de Laplanche no quadro da figura alternativa de interpretação, uma vez que considerados os contextos, a palavra *Zwangsneuros* emerge, na situação de tradução, com significações mutua-

mente excludentes e com recobrimentos referenciais distintos, acarretando diferentes valores de verdade. A alternativa impõe-se pela oposição de valores semânticos: onde se interpreta A, não se pode interpretar B.

Levando em conta o que expõe Laplanche e admitindo aqui um caso de efeito de ambigüidade desencadeado em contexto, envolvendo o significado do termo em questão, tratou-se de uma situação em que o tradutor, ante a necessidade de escolha, tomou uma via de resolução do problema reportando-se a outra ocorrência do mesmo termo, localizando aí uma possibilidade de significação.

Laplanche tradutor impõe-se um retorno à resistência do significante *Zwang*, que, a cada contexto em que é utilizado por Freud e freudianos cai em circuitos que convertem essa expressão lexical num dispositivo lingüístico proliferador de sentidos heterogêneos.

A segunda figura interpretativa, a *neutralização*, segundo propõe Fuchs, designa a situação em que a decisão por A ou por B, implica aceitar a ocorrência de um elemento de significação intermediária, indistinta. A autora explica lembrando que

en tout état de cause le sujet ne se trouve plus dans l'obligation de choisir: A et B ne s'opposent plus, mais constituant des valeurs non contradictoires, des cheminements interprétatifs résolument équivalents du point de vue de la signification (p.113).

Ainda trabalhando sobre o depoimento de Laplanche ao caderno *Folhetim*, do jornal *Folha de São Paulo*, retiramos daí um exemplo que se aplica a essa figura interpretativa. Para sustentar sua ambição de não interpretar, conforme aludido anteriormente, Laplanche reporta-se a uma outra aporia estabelecida nas práticas de tradução francesa de Freud:

Existe uma frase ressaltada pelos lacanianos com relação à forclusão. A tradução francesa é fiel ao alemão. Trata-se do homem dos lobos, e Freud diz: "il n'en veut rien savoir au sens du refoulement" (ele não quer saber nada no (do) sentido do recalque). Esta frase tal como aparece não tem vírgula. Os lacanianos afirmam que ele não quer saber de nada no sentido que o recalque é saber. A interpretação clássica é "ele não

quer saber de nada” no sentido de que ele o recalca. É a posição inversa, dependendo de que coloquemos recalque igual a não saber, ou igual a saber .”

Eis aí dois caminhos de interpretação neutralizados pela forma sintática do enunciado. “Saber” e “não saber” poderiam apresentar uma oposição evidente, mas tornam-se, mediante uma operação lingüística, semanticamente neutralizáveis. Este é mais um trabalho de recuperação e manutenção da ambigüidade procedida no contexto em que Freud produz essa formulação sintática. Laplanche, por sua vez, decide por manter a neutralidade semântica, ocasionada pela referida operação sintática, para assim fazê-la valer como efeito da recusa à interpretação.

Sobredeterminação e indeterminação

Prosseguindo, passo a aplicar à experiência de tradução de Laplanche e de sua equipe um terceiro caso de figura interpretativa proposto por Fuchs: a da sobredeterminação. De ora em diante, não vou tomar apenas o discurso do tradutor comentando seu trabalho. Passo a considerar, neste ponto, alguns exemplares de anotações procedidas ao pé da página do texto traduzido. Saliento aqui que abordo a nota de rodapé como um importante dispositivo discursivo de relação com o texto (Orlandi, 1990). Ou seja, a nota de rodapé designa o referencial interdiscursivo, o plano das possibilidades de significação que faz do texto o que ele pode ser, quer na língua de origem, quer na língua de tradução.

Considere-se a passagem em que, em “O homem dos lobos”, Freud relata um dos episódios vividos por seu paciente. A versão francesa, traduzida por Laplanche e sua equipe, ficou assim:

L'autre cas: à dix-huit ans, pendant la préparation de son examen de fin d'études, il rendit visite à un camarade et convint avec lui de ce que leur commune angoisse d'avoir un accident à l'examen leur faisait apparaître comme opportun.

Como toda fiel tradução de Freud e de seu texto, em francês encontramos a pontual elucidação do autor, indicada no final do trecho

citado e anotada no rodapé como segue no francês:

1. Le patient me communique que sa langue maternelle ne connaît pas l'emploi connu en allemand du mot *Durchfall* pour désigner les troubles intestinaux.

A sistemática desse projeto de tradução é de, sempre que necessário e oportuno, fazer incluir, junto às notas do autor, também as do tradutor, sendo respectivamente ordenadas no rodapé da página por número e por letra. Assim é que sobre a palavra alemã *Durchfall*, o tradutor indexa a letra *c* remetendo ao seguinte comentário ao pé da página:

c. *Der Durchfall* signifie à la fois l'échec (accident) à l'examen et la diarrhée (accident intestinal).

O que me interessa enfatizar aqui é a natureza do procedimento lingüístico que assume as feições de um caso da figura interpretativa de sobredeterminação. A nota de Laplanche explicita que há em *Durchfall* dois valores semânticos heterogêneos, que se combinam sob uma única estrutura significante. Nos termos de Fuchs, trata-se da construção de “uma única significação global mista, ambivalente “A e B”.

O traço da sobredeterminação reside, neste caso, na simultaneidade de valores semânticos, em que a decisão por um ou por outro demanda uma determinação exterior aos mesmos valores. Isso posto, posso adiantar que, de fato, Laplanche não interpreta, mas expõe o leitor à inquietude que precede a interpretação. Volto a esse ponto ao concluir.

Resta ainda aplicar a Laplanche o último caso de figura interpretativa. Trata-se da indeterminação. Certamente esta designa fatos de interpretação que ocorrem no limite da sobredeterminação, isto é, situações de tradução em que não se vislumbra um campo possível de relações de sentido, no qual dada seqüência lingüística seja interpretável. A expressão francesa *à la fois* recorrente na estruturação dos textos das notas da tradução de Laplanche pode ser um sintoma disso, na medida em que, em contexto, dizer que X tende tanto a ser interpretado como A quanto como B é impossibilitar a interpretação, ou seja, indeterminá-la.

Tomemos aqui um outro trecho também recortado de “O homem dos lobos”, conforme ficou em francês:

Dans l’usage de la langue, l’enfant est qualifié de “cadeau”; on dit le plus souvent de la femme qu’elle a “fait cadeau d’un enfant” à l’homme, mais dans l’usage de l’inconscient, c’est l’autre aspect des choses, à savoir que la femme a “reçu” de l’homme l’enfant en cadeau... (tradução francesa, p.79).

Sobre a palavra *reçu*, há uma letra b remetendo à seguinte nota de rodapé:

b. *empfangen* (à la fois “reçu” et “conçu”, cf. *die Empfängnis*: la conception).(tradução francesa, p. 79).

Vários exemplos desse tipo podem ser levantados, no sentido de mostrar como Laplanche mobiliza discursivamente o contexto de certas expressões alemãs enquanto dispositivo produtor de sentidos. Devido à exigüidade do espaço, atenho-me a este para ilustrar um mecanismo interpretativo barrado, conforme o é a indeterminação. Seguindo a definição que Fuchs dá a essa figura interpretativa, somente uma ampliação do contexto pode tornar interpretáveis ocorrências lingüísticas como *empfangen*, retirando-a do horizonte da indeterminação semântica. Diferentemente, o que faz Laplanche, tradutor francês de Freud, é barrar a interpretação mediante a suspensão contextual também presente no texto em alemão.

Até aqui fiz observar, na experiência de tradução realizada por Laplanche, o que Fuchs postula como quatro modos possíveis de construção da significação para dadas expressões lingüísticas, ou seja, quatro maneiras de interpretar. É hora, portanto, de colocar pingos e tremas onde lhes compete. Afinal, pelo exposto, tudo leva a crer que, malgrado sua intenção, Laplanche nem sempre conseguiu negar a interpretação como fato inerente ao processo de tradução. A propósito, objetar-se-ia que, somente no último caso de figura interpretativa, aplicado a Laplanche, é que se pode admitir indecidibilidade, ou ausência de interpretação.

Em verdade, o problema de Laplanche não é negar que o traduzir implica constitutivamente interpretar. O que implicitamente esse

tradutor refuta é o pressuposto de que a interpretação resulta de uma apreensão direta de sentidos. Ao pretender devolver Freud ao próprio Freud, Laplanche, ao mesmo tempo, está dizendo que interpretar implica trabalho sobre a língua em funcionamento, produzindo nela significações possíveis. Esta é a razão porque tomei a perspectiva da heterogeneidade interpretativa proposta por Fuchs: no limite, entre uma e muitas interpretações, há um fosso no qual não se vê nenhuma. Em se tratando de tradução, este é o lugar do tradutor antes da interpretação. Os sentidos não preexistem aos seus modos de interpretar, já que são a condição de aparecimento de qualquer ato interpretativo.

O momento da ausência de sentidos pode ser materialmente localizado na relação com a sistematicidade lingüística e seus jogos. Quando Laplanche justifica sua tradução explicando que seu projeto visa a utilizar *toutes les ressources du français de la même façon que Freud utilise celles de l'allemand*, está, em verdade, propondo-se a expor o leitor ao embate com o funcionamento significativo como pré-condição da interpretação.

Diria, neste ponto, que, ao buscar fidelidade a Freud, Laplanche se obriga a ser fiel a Lacan. Isto porque, o tradutor quer produzir no leitor não a facilidade das interpretações consensuais, mas a disponibilidade prévia ao ato de interpretar, que consiste em suportar a obscuridade da letra, da escritura.

O interessante na consideração de Laplanche sobre seu projeto de traduzir Freud é o foco sobre a relação entre o sujeito da tradução e a língua, esta tomada como lugar material da significação que se concretiza pelo funcionamento da linguagem em situação. Recorro aqui à perspectiva discursiva. Leandro Ferreira (1996) assinala que

o conceito de língua na perspectiva do discursivo não é o mesmo conceito que dela tem o lingüista.(...) Ainda que seja considerada um sistema representável e formalizável, a língua nesta concepção discursiva perde seu caráter homogêneo e estável, passando a ser entendida como elemento de base material, heterogêneo por excelência, não-estável, não-previsível e não-fechado, que, combinado à materialidade do processo sócio-histórico, constitui o lugar de produção dos efeitos de sentido.

Compreendo assim que não interpretar aparece em Laplanche

como o exercício de colocar-se diante da língua tomando-a enquanto “sistema intrinsecamente passível de jogo” (Leandro Ferreira, op.cit.). Teoricamente essa posição remete à afirmação de Pêcheux (1988), segundo a qual, no interior da língua, o lugar da interpretação está nos pontos de deriva, de equívocos determinados pelo fato de que não se pode dizer qualquer coisa, em qualquer contexto.

Dessa forma, a transição de uma língua para outra supõe deslocamentos discursivos, ou seja, posicionamentos em espaços de significação historicamente determinados, sem o que nenhuma interpretação é possível. Não interpretar significa abrir-se às outras múltiplas formas de interpretação. Estas — as figuras de que fala Fuchs — são simultaneamente efeitos da exposição, por um lado, à opacidade e instabilidade do significante e, por outro, às posições ideológicas que instrumentam a relação do sujeito com o jogo da língua.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arrojo, R.; 1992 “Laplanche translates the father of psychoanalysis: the main scenes of a family romance”. in *Ilha do Desterro*, n. 28, Florianópolis, SC, Editora da UFSC, pp. 51-62.

Fuchs, C. 1989. “L’hétérogénéité interprétative”. H. Parret (éd.), *Le sens et ses hétérogénéités*. Paris. Editions du CNRS, 1991. pp.107-120.

Leandro Ferreira, M.C. 1996. “O estatuto de equivocidade da língua”, texto apresentado no XI Encontro Nacional da ANPOLL, João Pessoa.

Orlandi, E. P. 1990. “Reimpressão do singular, um olhar francês sobre o Brasil” in *Terra à vista*. São Paulo, Cortez. pp.101-122.

Pêcheux, M. 1988. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, Pontes.

1. *Folhetim*, Folha de S. Paulo, 30 de julho de 1988, nº602

